



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

PORTO SEGURO, BA, 22 DE ABRIL DE 1996

Povo da Bahia; Povo de Porto Seguro; Povo do Brasil;

Nesta data gloriosa do Brasil, faço um apelo a todos os brasileiros, àqueles que são patriotas, àqueles que acreditam no povo, àqueles que sabem que é preciso trabalhar com afinco. Peço que nós todos nos unamos para gritar o mesmo grito que um punhadinho, aqui, grita: Justiça! Justiça no Brasil! Justiça e democracia!

Quem fala desta tribuna está afeito à luta política, enfrentou os regimes militares e, hoje, tem o agrado de ver, como Presidente da República, que respiramos o ar da liberdade e somos, até mesmo, tolerantes para com um pequeno punhado de gente, que – coitados – não sabe o que fala. São uns perdidos e não percebem que essa massa imensa de brasileiros hoje encontrou o rumo. Aqui, onde, em pouco tempo, o Brasil fará 500 anos, nós, hoje, devemos dizer, em primeiro lugar, que temos um país que confia em si mesmo, um país que não aceita injustiça, um país que brada, como bradou o Presidente contra a chacina em Marabá, que eu não aceito.

E, ao não aceitá-la, ao fazer uma só voz com o povo, nós dizemos também: companheiros, não se iludam; vamos juntos, pelo Brasil, em vez de atrapalhar esse povo generoso, que só quer uma coisa – discutir, na democracia, o caminho da felicidade, o caminho do trabalho e o caminho da justiça.

É um exemplo vivo que nós damos a Portugal. Aqui está o Ministro da Cultura de Portugal, que veio ver que a semente plantada aqui, em Porto Seguro, frutificou, cresceu; e que, hoje, nós temos um grande país, que é capaz de enfrentar seus problemas, que sabe, sim, que tem chagas, que sabe, sim, que tem mazelas, mas sabe, também, que não é no grito que se resolve nada. Sabe, também, que é na negociação democrática, na justiça, no trabalho, na consequência que se há de fazer uma nação grande e democrática.

Não posso deixar de dizer, aqui, hoje, onde nós estamos inaugurando uma obra pioneira, um museu natural aberto, que estamos vendo o Brasil que renasce na democracia, na tolerância, até mesmo aceitando certos exageros, porque sabe este Brasil que o exagero não prospera se o povo estiver orientado no rumo do futuro, como é o caso, aqui, de Porto Seguro. É um novo Brasil, um Brasil que ama a sua gente e que sabe repudiar aqueles que a traem. Mas é um Brasil, também, que sabe que, se não houver decisão firme, se não houver a vontade – que nós temos – de fazer as reformas, de fazer com que o Brasil caminhe, de aumentar o investimento, de dar emprego, aí, sim, não haverá alento para ninguém, será a multiplicação da desgraça. E isso nós não queremos.

Nós achamos, sim, que é justo que o Brasil reivindique, cada vez mais, que essa herança social pesada, de que nós somos herdeiros, venha sendo progressivamente eliminada. Nós queremos, sim, um Brasil onde todos encontrem trabalho, onde a terra seja dada a quem nela vá trabalhar, mas não a quem nela vá agitar; a quem nela vá, com o suor do seu rosto, fazer a sustentação do seu filho, mas não àqueles que querem explorar a tragédia de uns poucos, em benefício de pequenos grupos políticos organizados. Esses, não.

E a lei há de ser respeitada, porque a Constituição é democrática, foi votada pelo povo e por seus representantes. Quando a lei for injusta – e muitas delas são injustas –, nós mudaremos a lei. E eu mandei ao Congresso um pedido de um ritual mais rápido para a desapropriação de terras, porque é preciso avançar na reforma agrária.

Mas, para isso, nós precisamos ter clareza, visão e firmeza. Para isso, nós precisamos ter a unidade desse povo, que, pouco a pouco, sem se preocupar, vai separando o joio do trigo. E o joio, às vezes, aparece espetado para cima, mas, depois, ele cai, embica com a cabeça na areia e tem vergonha de não ser capaz de dar um passo à frente e de ajudar a avançar num Brasil democrático.

Povo da Bahia, vamos com tranquilidade, com calma, com convicção, fazer o que o povo espera de nós, aqui, em Porto Seguro, ao se abrir esta oportunidade de maior possibilidade de investimento para que o turismo avance.

Quando se vê que o saneamento básico está avançando, aqui, em Porto Seguro, onde o governo trabalha, onde o Governador Paulo Souto, como disse o Senador Antônio Carlos Magalhães, vai fincando as bases de um Brasil mais justo, aqui, nesta comemoração prévia dos 500 anos do Brasil, eu quero dizer aos índios pataxós que aqui estão e que vieram falar comigo que, sim, nós vamos cuidar dos interesses deles, porque são os filhos da terra e têm direito àquilo que imemorialmente foi deles.

Quero também dizer, aqui em Porto Seguro, ainda sobre os índios, que o Brasil tem hoje 11% do seu território demarcado para os indígenas. Nenhum país do mundo tem isso. A pátria indígena aqui é maior que o Peru, é metade do México. E só os ianomâmis, que já têm as terras demarcadas – que é sagrada a terra deles – Senhor Ministro, só a terra dos ianomâmis é maior que Portugal.

Hoje, senhor cacique pataxó – e é bonito o Presidente da República falar aqui em Porto Seguro, diante do Ministro da Cultura de Portugal, para o cacique pataxó – posso lhe dizer que nós temos 350 mil indígenas no Brasil, que falam mais de 200 línguas; e esses índios, pode ter certeza, estão crescendo na proporção da população, cres-

cem mais depressa do que a população brasileira. Então, não me venham falar em genocídio. Isso foi no passado: agora é respeito ao indígena.

Quero dizer também que, nesta região aberta, generosa, próspera, região onde o sol veio para nos abençoar, região onde os brasileiros todos se orgulham de dizer que nasceu o Brasil, também há injustiça social, mas a injustiça social que há aqui não está coberta pelo Governo. A injustiça social que há aqui veio de um legado trágico, desde a abolição, desde a escravatura; veio da concentração da terra, veio da falta de capacidade de tomarmos decisões seguras. E isso hoje acabou.

Hoje, o Brasil todo sabe que o Governo está pondo para fora os esqueletos da podridão e sabe também que, sendo um governo democrático, sendo um governo saído do povo, ele não tem nenhum receio de falar cara a cara com o seu povo, digam o que disserem, gritem o que gritarem, porque é o meu povo, é o nosso povo. E, sendo o meu povo e o nosso povo aqueles que aplaudem, e são tantos e milhares, e aqueles coitados que não sabem nem enfrentar o protesto, que são um punhado, são também brasileiros.

Hoje, para comemorar a data do nosso descobrimento, eu quero dizer, como Presidente: independentemente de tudo, estamos juntos.

Faço agora um apelo aos responsáveis, aos dirigentes dos partidos, àqueles que estão lá em Brasília, aos que estão dirigindo os partidos pelo Brasil afora: não está na hora de nos dividirmos, não está na hora de precipitarmos temas desnecessários, não está na hora de explorar cadáveres. Está na hora, sim, de chorar cadáveres e de impedir que eles se repitam. Está na hora, sim, de modificar as leis injustas. Está na hora, sim, de todos assumirem a responsabilidade e, em vez de aproveitar episódios para jogar culpa em quem não tem, assumirmos nós todos a culpa de não termos sabido conversar, de não termos sabido ecoar as necessidades desse povo.

E o Presidente da República aqui está, é um cidadão despojado de qualquer outro atributo neste momento, a não ser um do qual se orgulha: o de ser brasileiro e de sentir, em seus ombros, o peso de tudo o que acontece, no Brasil, de certo ou errado e de ser, também,

responsável, estando pronto a fazer com que todos se unam para um futuro grandioso.

Eu quero terminar dizendo àqueles que forem brasileiros e brasileiras, que dêem um só grito diante de Portugal: Viva o Brasil!